

Resenha do livro AMIR, Lydia B. *Humor and the good life in modern philosophy: Shaftesbury, Hamann, Kierkegaard*. Albany: Suny Press, 2014.

Thiago Ribeiro de
Magalhães Leite

Doutorando em Filosofia
pela UNIFESP e membro
da IAPH – International
Association for the
Philosophy of Humor.
thiagoribeiro@usp.br

O mais recente trabalho da Prof. Lydia Amir, fundadora da IAPH – *International Association for the Philosophy of Humor*¹, representa mais que um estudo profundo de Shaftesbury, Hamann e Kierkegaard em vista do problema do humor e da vida feliz [*good life*²]. Ao elegê-los como representantes modernos de tal reflexão, de certo modo tornando-os autores que inauguram uma nova maneira de pensar o problema do riso e da vida, a autora procura mostrar a extensão e a relevância do tema para o pensamento filosófico de um modo geral. Sem hesitação, desde as primeiras páginas a autora chama atenção para o surgimento de uma nova forma de riso – o humor – que passa a cumprir importante papel na filosofia do século XVIII e que permanece até a contemporaneidade. Será este fio condutor do humor na modernidade que, muito conscientemente, Lydia Amir irá debater com a historiografia filosófica da reflexão sobre o riso.

O termo *good life*, na definição em que a autora o toma, remonta diretamente a Aristóteles e à ideia de *eudaimonia*, ou seja, felicidade, que o filósofo postulava como o supremo fim do homem na terra. Posteriormente, o tema não ficou fora das especulações filosóficas. A história da filosofia reserva tantas interpretações para a questão quantas são as correntes de pensamento que a povoam. Não é diferente no pensamento do século XVIII.

Como Lydia indica logo no primeiro parágrafo de sua introdução, a questão da *vida feliz*, apesar de ser uma questão célebre e fundamentalmente filosófica, apenas recentemente incorporou o riso e o humor em seu escopo. Na medida em que, a partir do século XIX, “*várias disciplinas, tais como a medicina, psicologia, e as ciências sociais, tem recomendado o humor por seus benefícios individuais e sociais*”, o filósofo, mais do que nunca, é convidado a tomar parte nos debates. Por isso Lydia ressalta: seu estudo não procura realizar uma reflexão estética, onde o motivo do riso, o objeto risível, ou os gêneros cômicos, são analisados. É a vida, o ideal de uma vida feliz, uma vida plena, no horizonte da felicidade e da realização do ser humano na terra, que coloca em questão o riso e o humor, e que os leva a cumprir um papel privilegiado na efetivação deste ideal.

Por isso, é preciso esclarecer que este audacioso livro, que tão habilmente revela a íntima relação que o humor estabelece no interior do pensamento filosófico moderno, não procura, a partir daí, tirar conclu-

ISSN 2359-5140 (Online)
Ipseitas, São Carlos, vol.4,
n. 2, p. 231-233, ago-dez,
2018

1 <http://www.philosophyofhumor.org/>
2 Utilizaremos, doravante, a tradução “vida feliz”.

sões para uma, geral e definitiva, *teoria filosófica do riso*. A questão do humor e da vida feliz, na letra de Lydia, se desenvolve a partir do viés ético. Seus três filósofos, cada um à sua maneira, buscaram orientar os passos do homem para que atingisse o máximo de suas possibilidades, reunindo questões religiosas, éticas, cosmológicas, existenciais e metafísicas na direção de uma realização.

Paradoxalmente, mesmo elencando uma vasta lista de autores que buscaram compreender e explicar o riso, e que buscaram estabelecer limites para seu exercício, dando provas, aliás, de que a filosofia não nasce e nem se desenvolve sem estar intrinsecamente envolvida no humor e no riso, a autora nos adverte: uma nebulosa tendência impele a considerar o humor como contraposto à filosofia. É que “*o humor, é todavia, frívolo quando a filosofia é grave; o humor é irracional, enquanto a filosofia é o epítome da racionalidade; o humor é ambíguo e equívoco, enquanto a filosofia almeja a claridade; o humor é indireto, enquanto a filosofia é explícita*”.³ O que herdamos deste dualismo é a avaliação negativa do riso (que remete à ninguém menos que Platão), ou seja, a ideia *do filósofo que não ri* e que faz da seriedade a medida da verdade e da vida correta.

Mas se na antiguidade grega o riso e o humor situavam-se ora no exterior do filósofo, sendo ele o alvo do riso (Tales, o filósofo ridículo), ora como objetos do pensamento a serem explicados e compreendidos, a modernidade irá inseri-los no movimento especulativo enquanto tal. Na modernidade, o humor, “*usado para avançar o ideal filosófico do auto-conhecimento, da verdade, racionalidade, liberdade, virtude, felicidade, e sabedoria, pode ser uma das mais úteis ferramentas disponíveis para um filósofo*”.⁴

Assim, a autora apresenta sua tarefa: investigar o papel do humor no ideal de vida feliz tal como é concebido por Shaftesbury, Hamann e Kierkegaard. Com isso, visa a autora, por um lado, esclarecer a trajetória do conceito segundo sua compreensão moderna e, por outro, compreender como o humor funciona, e como ainda pode funcionar, segundo um projeto filosófico que visa transformar a vida do ser humano na terra.

Sobre a escolha dos autores, dois pontos são importantes. Primeiramente, como se disse, eles representam a aurora do pensamento moderno que buscou definir o humor como intrínseco ao filosofar, ou seja, procurou tomá-lo no movimento da razão na busca da realização de um ideal na terra. É verdade que outros autores, Nietzsche por exemplo, também conferem ao humor papel significativo no exercício do pensamento, mas não há em Nietzsche um ideal de vida feliz

3 Idem. p.2.

4 Idem. p. 3.

ou felicidade que possa ser explorado a título de *télos* humano. Segundo, os três filósofos, profundamente religiosos, buscam organizar um sentido alternativo frente a crise cristã⁵ e encontram uma relação profícua entre o humor e o sentido religioso. Para os três filósofos o humor (mas também a ironia) é essencial para aquele que se engaja na existência a fim de conquistar uma vida plena.

Para o interessado no tema do humor, as grandes contribuições de Lydia não param aí. Em sua conclusão, a autora nos surpreende com um deslocamento significativo. Ali, Lydia procura elaborar uma proposição alternativa ao sentido religioso proposto pelos autores. Assumindo que o humor não precisa funcionar nos limites da religião, sua conclusão busca marcar uma divergência e avançar no pensamento sobre o humor, contextualizando a discussão na atualidade. Seria um desserviço expor aqui toda a reflexão de Lydia sobre os autores. Não cabe a uma resenha comentar as nuances das questões, mas sim convidar os leitores a uma obra e à sua contextualização. Contrariamente, se poderia tirar um dos pontos positivos do livro, que é sua demonstração estreita e bem elaborada da relação entre os conceitos utilizados por cada autor. Cabe ressaltar o mérito da autora em convidar o leitor à consideração do humor como indispensável à atividade filosófica, na medida em que esta é definida como uma reflexão das condições da vida e da existência humana. Buscar uma vida feliz nunca foi tarefa fácil dados os desafios da vida humana e suas condições, que são tão incertas quanto são obscuras as suas intenções. O que encontramos neste livro, felizmente, é a demonstração minuciosa de que o humor e a filosofia, aliados, fornecem meios eficazes para uma nova percepção da vida vivida.

5 Kierkegaard, por exemplo, se revolta contra o estado em que a igreja se encontra em seu tempo. Cf. LE BLANC, C. *Kierkegaard*. Tradução de Marina Appenzeller. Coleção Figuras do Saber. Estação Liberdade. 2003.